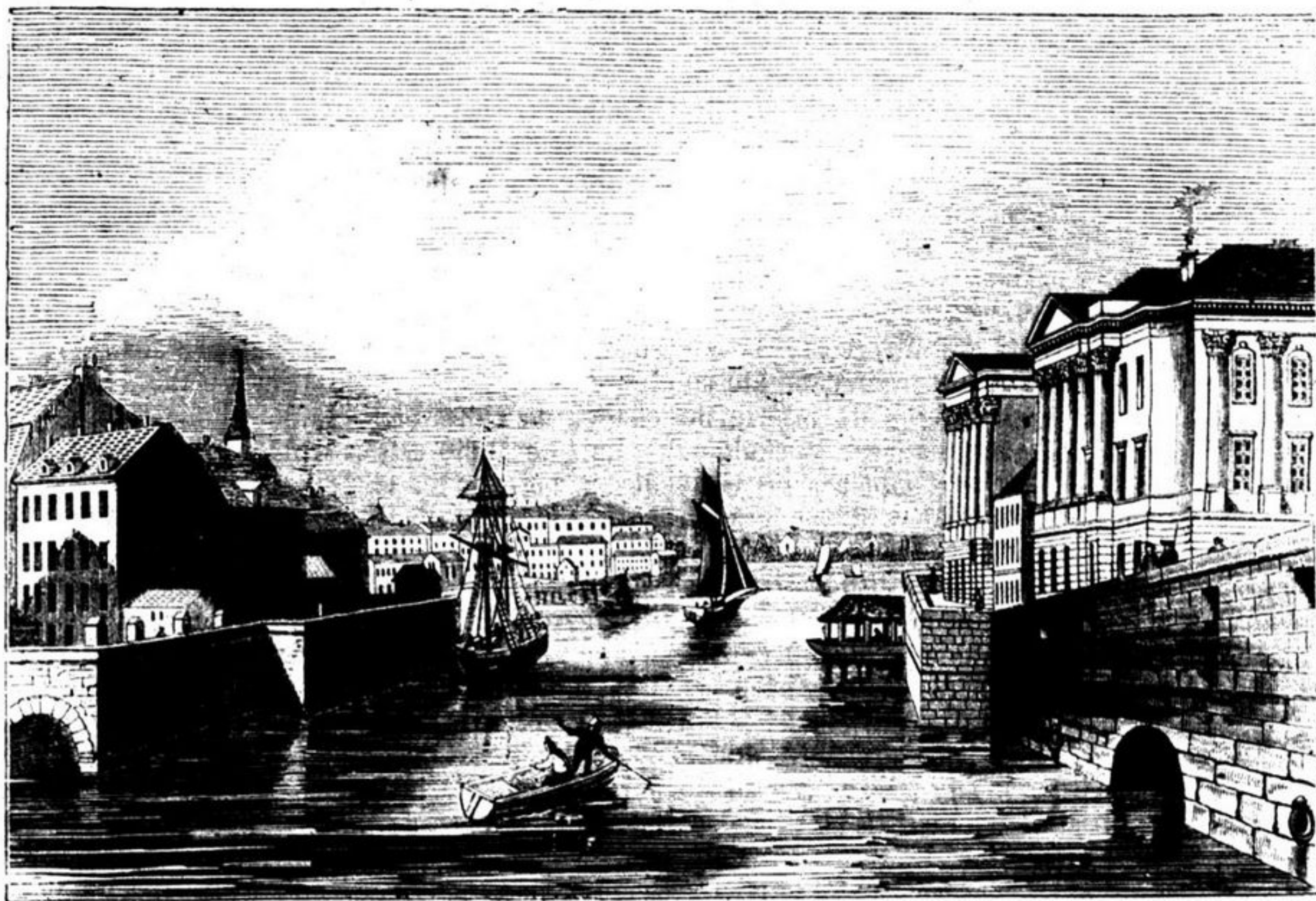


STOCKOLMO

Apezar do seu céu nebuloso, apezar do seu clima frígido e um tanto insalubre, a capital da Suecia é uma das mais formosas cidades do Norte. Está construída nas margens septentrional e meridional do lago Melaren no ponto em que este confunde as suas águas com as do Báltico. Compõem-na muitas ilhas formadas pelos golphos do

Melaren e pelo mar, e que se ligam entre si e com as margens por numerosas pontes, o que dá á cidade um aspecto muito semelhante ao que apresenta a rainha do Adriatico. Por isso Stockolmo tem merecido dos viajantes estrangeiros, deslumbrados por essa formosa appareição italiana que lhes surge de subito do meio das águas do Báltico, debaixo d'um céu carregado de nuvens, o nome de Veneza do norte.



Stockolmo.

Effectivamente, a cidade, principalmente quando se vê do rochedo de Mosebacke, apresenta um magnífico panorama. Falta-lhe só o esplendor do sol d'Italia, que beija amorosamente as marmoreas fachadas dos palácios da cidade dos doges, as grandes recordações que enlevam o mundo inteiro e que pullulam a cada passo do seio da formosa península, e a seductora harmonia das vagas azues do Adriatico beijando os degrãos dos caes.

Mas ainda assim esse panorama é encantador. As casas, quasi todas de tijolos, erguem-se em amphitheatro, alinhando-se em formosas ruas, as mais notaveis das quaes são a da Rainha e a da Regencia, e formando seis bairros, que se chamam: a cidade, que se compõe de tres ilhas, o bairro do Norte, em terra firme, *Ladugoraslandet*, que se agrupa n'um promontorio em que termina a leste essa terra firme, a ilha d'El-Rei, a ilha do Almirantado, a que outras duas, a ilha da Cidadella e a ilha de S. Braz se ligam por meio de pontes fluctuantes, e enfim o bairro do Sul.

No bairro da cidade encontra-se o paço, edificio quadrado, construído n'uma eminencia e todo cercado de jardins. As ruas d'este bairro são quasi

todas sombrias e irregulares, exceptuando com tudo a rua de *Skeppsbron*, que se desenrola ao longo do caes e em que está concentrada toda a actividade commercial. N'esse bairro ha tres igrejas: a sé, onde se nota um orgão magnífico e uma bella collecção de quadros de pintores succos, a igreja allemã, e a igreja finlandeza. Os outros edificios notaveis d'este bairro são a praça do commercio, a casa da camara, o correio, o banco, a moeda, e o palacio dos nobres, onde se reúne a nobreza durante a dieta, e em cuja fachada campeiam os braços de todas as grandes familias da Suecia.

N'uma das ilhas, que formam este bairro, vê-se tambem a igreja, onde estão os tumulos de todos os reis entre cinco mil estandartes, que dão testemunho irrefragavel da gloria militar que a Suecia soube conquistar, dirigida, no seculo XVII, no seculo XVIII e no seculo XIX, por generaes tão distinctos como foram Gustavo Adolpho, Carlos XII, e Bernadotte o general francez, que por tão estranho acaso pôde subir ao throno succo, e fundar dynastia. Debaxo d'este glorioso docel dormem o seu somno eterno os herdeiros de Gustavo Vasa.

Passemos agora ao bairro do Norte. Alli encon-

traremos outro palacio regio, defronte do qual se ergue o edificio da Opera, mandado construir por Gustavo III. Atravessando d'este bairro para a ilha de S. Braz, com a qual communica directamente, veremos um grande numero de palacios sumptuosos; d'essa ilha iremos por uma das pontes fluctuantes á ilha do Almirantado, atravessando por uma longa alameda e onde se accumulam arsenaes, estaleiros, casernas, e d'ahi passando á ilha da Cidadella encantar-nos ha o seu pittoresco aspecto. Um enorme rochedo de granito forma toda a massa da ilha, e nas suas ladeiras vicejam arvores, taboleiros de relva, tapetes de musgo, por entre os quaes serpeiam lamedas. Um dos pincaros do rochedo domina a entrada do porto; n'outro ergue-se o observatorio.

Stockolmo tem vinte praças amplas, sendo a mais bella a que se chama *Stottsbacken*. Formam-n'a d'um lado o palacio real, do outro uma fileira de formosas casas; n'um dos topos está a cathedral e um obelisco de granito. A praça vem descendo em amphitheatro, e alargando-se até ao caes onde se ostenta uma estatua de bronze de Gustavo III. As estatuas não faltam em Stockolmo. Na praça da *casa dos Nobres* campeia a de Gustavo I, na de Gustavo Adolpho a d'esse grande homem, na praça d'armas a de Carlos XII. Tudo isto contribue para embellezar a cidade; em cujo porto se vê sempre uma selva de mastros, porque o seu commercio, tanto de exportação como de importação, está desenvolvidissimo. Em 1831 a sua população era de noventa e tres mil almas.

Eis o que é em rapido esboço a cidade, que a nossa gravura mostra aos leitores, a Veneza do Norte, a capital da monarchia sueca.

A BOCCA DO INFERNO

V

Era por uma linda tarde de outono, á hora em que o sol, meio envolto no manto de nuvens, espargue sobre a terra tibios reflexos.

Creio que não é esta a hora dos amantes; mas fiel, como devo ser, á chronica, cumpre-me pôr de parte todo o effeito scenico que poder colher do ceu cravejado de estrellas, e da luz melancolica da lua, para contar ao leitor a verdade em toda a sua pureza.

Ninguem crê mais do que eu na magia de uma noite de estio, cheia de segredos e mysterios! Que encanto, o d'essas noites claras de agosto, quando a lua caminha esplendida no céu, as estrellas scintillam na abobada azul, o rouxinol trina melodias entre as ramadas do bosque, e as flores tem mais perfume, mais frescura a rosa, mais pureza o ar! Como n'essas noites voluptuosas do Meio Dia o coração se inspira de santo entusiasmo e pulsa avido de ternura! Como então são maviosos os suspiros! como é brando o susurrar dos beijos!

Mas não foi, repito, á hora dos amantes que Luiz e Christina combinaram encontrar-se nos rochedos da *Bocca do Inferno*. As rochas soltas, fendidas, apresentam largas voragens, por onde na

obscuridade, é facil cair: o caminho é, além d'isso, escabroso por pouco trilhado, e se aqui se encontra uma lagea lisa e espaçosa, além teremos de saltar sobre agudas pontas de rochedo com difficuldade de sustentar o equilibrio.

D. Thereza julgava que Luiz de Mello estava em Lisboa. Era assim; mas no dia aprazado para o encontro, que elle proprio designára para comunicar a Christina noticias graves e importantes, chegára o mancebo solnado á villa, e não apparecera em parte alguma até á hora convenionada.

Ao cair da tarde saio Christina de casa e foi caminho da costa. Quando lá chegou já Luiz a estava esperando.

Christina empregára n'aquelle dia mais esmero na sua *toilette*. Ia esplendida de graça, elegancia e formosura. Vestia de branco. Na garganta trazia um grosso fio de contas pretas. Os cabellos magnificos, que eram n'ella, como a juba no leão, um soberbo ornamento, caíam-lhe em ondadas spiraes sobre as espaduas. Cobria-lhe a cabeça um bonito chapéu de palha com grande pluma branca.

Luiz de Mello estava sentado na base dos rochedos, á beira mar, olhando de quando em quando para o cume dos cabeços que lhe ficavam a cavalleiro.

De repente o vulto de Christina alvejou sobre os negros alcantis. Se a photographia pudesse n'aquelle momento reproduzir a imagem de Christina, far-se-ia um bello quadro.

Immovel sobre as escavadas penhas; fluctuando-lhe ao vento as brancas roupagens; destacando a forma regular e bem modelada no fundo azul dos horizontes; batendo-lhe no rosto um raio fugitivo do sol que se atufava ao longe nas aguas; fixando a immensidade do oceano que lhe bramava aos pés em frocos de espuma—parecia o anjo das tempestades repoisando na penedia, para depois, batendo as azas, seguir nos seus vôos atravez dos espaços, em demanda de outros mares.

Mas se não era o que a ficção podia conceber; era um anjo de amor, era a mulher convertida pelo sentimento em anjo de consolação.

—Christina!—exclamou Luiz vendo-a.

A donzella sorriu um d'esses sorrisos de mulher que tem o quer que é do céu, porque resumem a esperança e a felicidade.

Luiz de Mello galgou n'um instante pelas rochas até aos pés de Christina. Apertou-lhe convulsivamente a mão, que levou depois aos labios. O beijo foi soffregos e ardente, como se lhe fôra n'ella a alma.

—Oh Christina! foste tão boa em vir! E vieste só?!...

—De quem precisava eu mais? Até aqui o meu amor servia-me de guarda—aqui basta-me Luiz...

—Basta-te sim, Christina. O nosso amor acompanha-nos!

Poupe-me o leitor á transcripção das apaixonadas scenas que se seguiram. Sentados um ao pé do outro, conversavam de seu amor e das esperanças que entreviam no futuro. Eram sonhos doi-

rados aquelles, que um mau fado não quiz realisar.

O mar fervia espadanando espumas na *Bocca do Inferno*: ouvia-se o mugir surdo do oceano quebrando-se em longes praias. Luiz e Christina olharam por um instante para a garganta do despeñadeiro, como que possuidos de respeito.

Christina poisou o braço nu e formoso sobre o hombro de Luiz; depois reclinou sobre elle a cabeça. Luiz tinha as mãos d'ella enlaçadas nas suas.

Era assim que Paulo e Virginia deviam estar em S. Domingos na vespera da partida d'ella para a Europa, contemplando o oceano, que ia separal-os, e o sol que baixava no occidente marcando o seu ultimo dia de ventura.

Luiz soffria tambem como elles. Sabia que lhe era necessario separar-se de Christina, e não tinha coragem para lh'o dizer. Ha hesitações que martyrisam, e esta era uma d'ellas.

—Vês além aquella galera?—exclamou Luiz indicando as velas brancas de uma embarcação que passava ao largo.—Como vae empavesada e elegante! Que linda mastreação! e como se leva ligeira!...

Nos olhos do marinheiro passava um raio de entusiasmo—era um lampejo d'essa paixão que na infancia o conduzira ao oceano!

—Gostas ainda muito do mar?—perguntou Christina.

—Oh, muito, Christina! muito!—

—Mais do que de mim!—tornou ella tristemente.

—Não; isso não. Quero ao mar e quero-te a ti. Attrae-me para elle uma fascinação diabolica, de que ás vezes tenho medo. Creio que o mar me ha de servir de tumulo. O que eu agora desejava era levar-te comigo por esse oceano fóra, onde o mundo se resumisse em nós. Mas o mar para mim é a vida, é o espaço...

—E o meu amor o que é, Luiz?

—Oh!—exclamou elle tristemente—o teu amor é tudo! Mas é necessario voltar para o mar, é necessario deixar-te.

—Deixar-me!—exclamou Christina mais pallida que uma defunta.

—Deixar-te sim, e dentro de dois dias.

Christina não respondeu. Estava trémula e a voz ficára-lhe preza na garganta. Passava-lhe aavez do coração uma angustia excruciante. As lagrimas soltaram-se-lhe lentamente dos olhos; depois vieram grossas, abundantes.

—Oh! não chores!—dizia elle acariciando-a.

—É uma separação curta. Volto depressa, e seremos um do outro.

—E se me achares morta quando voltares?...

—Não digas isso, Christina—redarguiu elle meio desvairado—Não vês como soffro? Que queres tu que eu faça? Recebi ordem para sair para Cabo Verde; mas volto depressa, Christina, prometto-te, ainda que tivesse de fugir. Agora, porém, que exiges de mim? Que deixe o serviço? Obedecer-teia se fosse possível—mas não é tempo... amanhã devo sair inevitavelmente.

—Parte, pois.

—E esperas me resignada?

—Hei de esperar-te. Quem tanto te tem amado, não ha de saber sacrificar-se? Vae!... esperarei por ti, se tiver forças para resistir á ausencia; se as não tiver... irei procural-as alli!

E apontou para o fundo do abysmo, onde os rochedos agrupados e fendidos pareciam mil gargantas da morte.

—Que dizes?!—bradou Luiz empallidecendo.

—Já não parto, Christina.

—Has de partir.

—Não, sem jurares que esperas por mim.

—Juro.

—Por Deus?

—Por Deus e por meu pae.

—Um beijo, Christina!

E o osculo concedido legitimou o juramento.

No dia seguinte, ao pôr do sol, Christina estava no mesmo sitio, vendo passar um brigue que ia ao largo pelo oceano. Luiz ia n'esse navio. Uma tentação, um poder diabolico arrastava-o para o mar.

A infeliz estava debulhada em lagrimas. Na mão esquerda tinha uma medalha, com o retrato de Luiz, que levava sofregamente aos labios.

Quando nos horisontes se sumiram as velas brancas da embarcação, Christina exclamou com as mãos erguidas para o céu:

—Dai-me forças para soffrer, meu Deus!

E o vento silvava pelas quebradas da rocha! e o oceano rugia, como o leão nos ultimos arrancos! e os milhafres passavam guinchando e roçando a aza negra pelo rochedo! e a este concerto infernal juntava-se um rumorejar de agua, como que despenhando-se de uma cascata!

Era a onda que fugia lá em baixo pela abertura da *Bocca do Inferno*.

A. D'OLIVEIRA PIRES

(Continua.)

LOUIS DUBEUX

orientalista

Nasceu em Lisboa de paes francezes, em 2 de setembro de 1798 e falleceu em Paris a 4 de outubro de 1863. O pae era armador de navios. A sua primeira educação foi inteiramente portugueza, e então é que elle se iniciou no estudo da lingua hebraica.

Tendo 20 annos, a familia passou a residir em Paris. Continuou ali os estudos orientaes, que, no tempo de Luiz Philippe, lhe deram posse da cadeira de turco na escola de linguas vivas, e em 1838 a successão provisoria de *Quatremère* na cadeira da mesma lingua no Collegio de França. Seus trabalhos, dos quaes grande quantidade foi dada no *Nouveau Journal Asiatique*, pertencem á litteratura da Asia; ligam-se á historia e á geographia pela sua traducção da chronica de *Tабари*, emprehendida por conta da *Sociedade das traducções de Londres*, cuja 1.^a parte, apenas, saio a lume (Lond. 1836, em 4.^o), e por 2 volu-

mes escriptos para o *Univers pittoresque* da livraria Didot, a *Perse*, 1840, e o *Afghanistan* (em colaboração com Valmont), 1848. A noticia sobre as *Researches in philosophical and comparative philology* de Rørrig é particularmente interessante para a athenologia philologica da Asia central.

Esse estudo encontra-se no *Nouveau Journal Asiatique* t. I de 1830 (l. XVI da 4.ª serie) pa. 283—309.

ALFREDO MAY

APONTAMENTOS GEOGRAPHICOS ACERCA DA PROVINCIA DE PARANÁ

A provincia de Paraná é uma das mais fertes do imperio do Brazil.

O seu clima doce e temperado reúne as vantagens do clima dos tropicos ás do clima de Portugal e Italia.

O Paraná produz todos os vegetaes dos paizes intertropicaes dos do sul da Europa. Todavia aquella provincia tão fertil não exporta ainda senão madeiras de construcção, para queimar, e o chá do Paraguay (*herba mate*), que produz em abundancia e que é objecto de immenso commercio com as republicas hispano-americanas.

A arvore que produz o chá do Paraguay (*Ilex paraguayensis*) dá-se unicamente no Paraguay e na provincia de Paraná, e excepcionalmente em alguns pontos da provincia do Rio-Grande do Sul. Effectua-se a colheita quebrando os ramos novos cumulados de folhas; em seguida submettem-se a uma ligeira torrefacção e reduzem-os a fragmentos, ou a pó mais ou menos grosso. As folhas são permanentes e não caem mesmo no inverno; a fôrma d'ellas é elliptica; tem uma côr verde muito carregado e são espessas e lusidias. As flores são dispostas em ramalhetinhos de trinta a quarenta flores cada um; tem quatro petalas e egual numero de pistillos, collocados nos intervallos.

A *herba mate* é usada como uma bebida de primeira necessidade para os indigenas que, assim como os hispano-americanos, o substituem com proveito ao chá das Indias e mesmo ao café.

Colonisação—A provincia de Paraná possui uma enorme quantidade de terrenos incultos, de excellente qualidade, que são offerecidos aos colonos, quer gratuitamente, quer pelo preço de meio decimo de real, proxivamente, a braça quadrada!

Bicho de seda—O Paraná é, de todos os paizes da America do Sul, o que se presta mais á cultura do bicho de seda, principalmente do *Bombyx arrindia* que se alimenta de folhas do ricino, e que produz cinco a seis colheitas annuaes de casulos.

Café, assucar, tabaco—O café e a canna de assucar vingam perfeitamente na provincia em questão; produzem magnificas colheitas.

O tabaco do Paraná tem sido reconhecido como superior aos tabacos da Bahia, e pelo menos egual ao de Havana.

Baunilha—A baunilha cresce espontaneamente nos arredores de Paranaguá e em todas as localida-

des da provincia. O perfume d'ella não o cede ao das melhores baunilhas de Venezuela e do Mexico.

Chá—O arbusto de chá da India prospéra no clima do Paraná; porém os fabricantes indigenas ignoram os processos de preparacção, e a especulacção ali encontraria facilmente um ramo de commercio que ainda não foi explorado.

Algodão—O algodão produz duas boas colheitas por anno.

Legumes—Os arrozaes, milho e todos os legumes farinaceos cultivam-se com bom exito no Paraná.

Madeiras—A provincia de Paraná abunda em madeiras excellentes para construcção e marcenaria.

É preciso, principalmente, assignalar a *Arariva* vermelha, amarella e preta; *Canella* amarella e negra; *Coruidila*, o *Tujuba*, quasi tão duro como o ferro o *Jequitiba*, o *Peroba* encarnado, o *Sassafras* branco, encarnado e preto.

Mineraes—O Paraná está litteralmente coberto de marmores, porphyros, agathas, minerios de ouro, de ferro e de galena argentifera.

Em uma das extremidades da cidade de Paranaguá existe uma jazida de mercurio tão abundante, que na época das chuvas o mercurio se escôa caindo de um talude na borda do mar.

Diamantes e pedras preciosas—A maxima parte dos rios d'esta provincia são auriferos; alguns, assim como o Tybagy, encerram brilhantes, esmeraldas, topazios, amethystes, turquezes e rubis. Quasi todos os dias, negros ou os camponezes vendem por infimo preço os diamantes que encontram nos rios.

Plantas medecinaes—A ipecacuanha, a quina, a salsa parrilha *Japecanga* abundam n'este paiz; acha-se ali igualmente o *Cambara* antisyphilitico, muito superior a todos os vegetaes conhecidos, da mesma especie a *Carroba* empregada nas mesmas enfermidades, o balsamo de copahiba, a *Jahopha curcas*, a *Quassia amara*, o *anguro* cuja resina e a casca são reputadas no paiz como antidoto da phtysica.

Peixes—A bahia de Paranaguá, uma das mais vastas e seguras do globo, tem 12 leguas de profundidade e 60 de circumferencia. Abunda em peixes. Outr'ora os habitantes da provincia de que se trata forneciam o peixe salgado a todas as regiões da America hespanhola.

ALFREDO MAY

BEDUINOS

É esta a denominação dos arabes, que adoptaram a vida nomada. São elles os habitantes aborigenes da Arabia. A significação do seu nome em lingua arabe é «filhos do deserto.»

É essa com effeito a sua verdadeira patria, e o sitio em que elles folgavam de usufruir a sua selvagem independencia. Partindo do deserto da Arabia, as suas tribus espalharam-se pelos desertos da Syria e do Egypto, e quando essas primitivas civilisações se desfizeram, arrojaram-se elles ás vastas planuras da Mesopotamia e da Chaldêa.

Como os passaros sinistros, que só nas ruinas se

comprazem, os Beduinos esperam que a mão do tempo reduza a esqueletos as cidades gigantes, para se irem então sentar nos fustes partidos de Palmyra, nas moles derrocadas de Balbek. O viajante, que percorre essas immensas solidões onde se agitaram outr'ora innumerados povos, sente uma lugubre impressão ao ver alvejar por entre as ruínas carcomidas o branco albornoz do Beduino, como qualquer de nós não pode deixar de estre-

mecer quando no claustro musgoso do convento solitario sente o vôo pesado e triste do morego.

No septimo seculo os Beduinos, caminhando sempre em direcção aos sitios onde sentiam ir a velha civilisação baqueando, conquistaram toda a Africa septentrional, e ali se estabeleceram da mesma fórma que no Grande Deserto, entre o Mar Vermelho e o Oceano Atlantico, territorio que ainda hoje occupam. Nas partes d'essa vasta zona



Beduinos

onde é possível a cultura, encontram-se os Beduinos misturados com outros povos, mas no deserto são elles sós os dominadores.

D'ahi proveio, como era natural, a necessidade de terem uma vida errante, e de tratarem só de criar gados, e de roubar os viandantes. Esta vida solitaria cheia de perigos, nomada fez d'elles um povo essencialmente bellicoso, extremamente hospitaleiro, intrépido e frugal. O seu character tem tambem uma vaga e selvatica poesia. O deserto, da mesma fórma que o mar, poetisa os animos mais prosaicos. Aquellas duas immensidades ensinam aos que as frequentam não sei que grandiosos pensamentos.

Esta vida independente é tambem propria para desenvolver e levar ao excesso as qualidades pre-

dominantes de uma raça. A voluptuosidade e a vingança naturaes à raça semitica, transformam-se nos beduinos em paixões impetuosissimas.

Os beduinos são uma bella raça de homens. A fadiga e as privações, a que andam expostos, aca-nham-lhes um pouco a estatura, e emmagrecem-n'os; apesar d'isso são vivos, energicos, e pouco susceptiveis de se deixarem prostrar pelo cansasso. Os seus olhos ardentes revelam uma extrema finura. As feições caracteristicas, o nariz ordinariamente aquilino denunciam uma certa altivez. Como todos os nomadas dos desertos, os seus sentidos, especialmente o da vista, são levados a um acume rarissimo.

À excepção de algumas tribus que habitam a Syria e uma das quaes até se diz que professa o

christianismo, os beduinos são musulmanos. As funcções sacerdotaes são desempenhadas por marabutos, homens a quem as suas occupações asceticas e theologicas asseguram uma grande influencia.

A sua cultura intellectual está pouco adiantada; comtudo têm muito bom senso natural, espirito vivo e imaginação ardente. Os seus costumes têm a dupla marca da sua religião e do seu genero de existencia. São hospitaleiros e vingativos.

Ha mais liberdade nas relações entre os dois sexos, do que é habitual entre os Orientaes sedentarios. As suas mulheres não estão sujeitas a uma reclusão severa, e a polygamia não é usada; em compensação mudam frequentemente de esposa. Os seus divertimentos predilectos são o jogo da pella e a caça. Primam em montar a cavallo. Adoram a dança, gostam de ouvir contar historias, de beber café, e de fumar indolentemente o seu cachimbo. Sustentam-se dos productos vegetaes que se lhe deparam, do leite dos seus rebanhos, e da caça. Vestem-se com estofos de lã, que elles mesmos fabricam. Usam uma tunica branca longa e ampla a que chamam «haik», que ao mesmo tempo lhes cobre a cabeça, em torno da qual fica atada com uma corda de pelo de camello. Por cima do haik, trazem um manto branco tambem, a que chamam albornoz. Os mais nobres e os mais ricos é que trazem calças e camiza por baixo do haik.

A sua industria limita-se ao fabrico dos utensilios e dos estofos que lhes são mais indispensaveis; e o seu commercio á venda dos productos dos seus rebanhos, que lhes serve para comprarem armas e munições. O seu estado social e politico é ainda o da vida patriarchal. Uma ou muitas familias, cujo chefe toma o titulo de *scheick* fórma o centro da tribu, e constituem com os marabutos uma especie de nobreza. Entre elles é que se escolhem os cadis, que são os chefes superiores da tribu. Estes são generaes em tempo de guerra, e magistrados e juizes em tempo de paz. Cada tribu comprehende muitos aduares ou aldeias moveis, que a maior parte das vezes só consistem em tendas fabricadas simplesmente, com pelles de camello e dispostas circularmente, no meio das quaes de noite se mettem os rebanhos. Os seus principaes animaes domesticos são o camello e o cavallo, o jumento, o carneiro, e a cabra.

A GALATÉA MODERNA.

VI

D. Violante á baroneza do Alpedral.

Oh! É indesculpavel o pobre Alfredo. Não ha forças que vençam a sua mania romantica, a qual, pelos modos, o accommetteu com maior intensidade n'estas campinas minhotas. Lembra-te de Romeo Montaignu? Lembra-te d'essa criação infinitamente poetica, poetica de mais, para que possa existir no prosaico mundo, que habitamos? Pois o meu Alfredo imita, (oh! tem mão, por Deos! Não te contorsas em espasmos de riso!) o pobre Romeo. E o peor é que quer fazer de mim a sua Julieta, que de certo já lhe

houvera descantado o derradeiro gorgueio do rouxinol moribundo:

É forçoso partir, e viver,
Ou ficar junto a mim... e morrer!

com accento profundamente melancolico, como de quem vê, com olhos d'alma, os negrumes do tumulo em não longinquo cemiterio.

Mas não! Nesta época de prosa vil e chã, quando os proprios passarinhos da floresta como que cantam, só para que lhes não derrubem as arvores, em cujos ramos se aninharam, encontrar um Romeo. Oh! querida baroneza! Já alcançaste um triumpho assim? As victimas que has ceifado, nada são em paralelo com este pobre vencido, que me segue, qual sombra plangente e eternamente amorosa. Não podes phantasiar, se bem que a tua phantasia seja capaz dos maiores arrojos, o que por aqui vae de sentimento. Toda eu sou ás vezes, ora uma elegia, tão triste como o ruido que se alevanta dos campos, por noite de outono, ora um ponto de admiração por esses longos amores da idade media em mil cantos, como um saga scandinavo, amores que os bardos da lingua d'oc começavam a titubear no berço, e quando morriam ainda lhes faltava muito, o principal talvez.

Aqui me tens, pois, minha querida baroneza, em perpetua meditação amorosa, vendo lavrar o incendio, que eu propria accendi, desviando-me porém, por me não queimar.

E olha que estou cercada de perigos, que só a minha vasta sabedoria e profundissima prudencia poderiam evitar. Alfredo ama-me loucamente, digo-t'o sem rebuço, sem louca vaidade. Ama-me como um perdido, porque lhe causei uma impressão, que annos e desenganos nunca jámais poderão obliterar. Estou certa d'isto. Assim o estivera da minha felicidade. Vê pois que cuidado não hei de ter, para domar os impetos, os delirios, as impaciencias de um amor que irrompeu subito, como a lava de um vulcão, que accorda, após longo somno? Como dizer á lava que se desentranha em chispas de fogo: não vás mais longe, que me queimas a orla do vestido?

E depois, quando succede a melancolia do amor, e o vulcão já não estruge; quando Alfredo me enleia n'um olhar, e intenta rasgar até ao coração, como obrigar o a calar? Como deter as mil confissões, que estão saltando a flux? Como não ouvir a palavra, que, segundo o poeta, que tantas vezes hei lido,

.... Depuis cinq mille ans
Le suspend chaque nuit aux lèvres des amants!

Como lograr tudo isto, no meio de tantos perigos, quando o *matrimonio* acode em soccorro do coração?

Ai! tenho medo de mim! Nasci para a lucta. Quero luctar, e não sei se me sairei bem. Chamas-me louca e romanésca. Eu, romanésca? Eu, que sou tua discipula? Eu, que tenho por gloria seguir os teus exemplos?

Deus me livre de amar Alfredo, que seria esse o castigo eterno, o perpetuo flagicio da minha vida! Amal-o, seria fugir d'elle, e para sempre. Amal-o, fôra a solidão do convento por companhia constante. Amal o fôra a estamenha da monja, fôra o cilicio doloroso. Se eu o amasse, adeus mundo, que sonho, os triumphos que ante-

vejo, os esplendores, que descortino. Se eu amasse, não poderia desposal-o. Não te admires, minha querida. Põe os olhos em ti. Anias acaso o pobre barão? Amas o teu marido, esse servo fiel e obediente dos teus caprichos. Não. E por isso reinas despoticamente, imperas no baile, redopias na walsa, acorrentas escravos, dominas o mundo, vives em fim a vida dourada, senão a vida do ouro. Mas imagina por um pouco, que amavas o teu barão. Trocavas o sceptro pela roca, tornavas-te submissa, como uma matrona romana, não linhas vontade, não surgias radiante toda luz, toda brilho, no meio dos festins. Pois comigo, aconteceria peor ainda. Sou pobre, devera tudo a Alfredo, e o meu amor confundir-se-ia com a gratidão. Os transportes da alma tornar-se-iam um dever de esposa agradecida e respeitosa, que só tem olhos para o seu marido. A paixão morria afinal n'essa atmospheria placida e socegada. Os arroubos de um amor intenso, os extasis que nos lançam em timido pelago de sensações ignotas, os mil soffrimentos, compensados por mil venturas, todos esses combates, que são a vida do amor, esvaecer-se-iam perante esse viver tranquillo e monotonico, como o caudal se some nas aguas socegadas do lago.

Os meus sonhos mais queridos, as minhas esperanças mais arreigadas desfolhara-as o casamento por amor!

Por isso, ó minha querida, não queiras que eu ame Alfredo, e desejes ver nos unidos pelos sagrados laços do hymeneu, como se dizia outr'ora.

Mas deixemos divagações. Queres ouvir Alfredo? Queres assistir a uma das nossas conferencias philosophico-sentimentaes, em que nós discutimos, não sem alguns suspiros de Alfredo, os themas mais abstractos do coração? Eil-o que vem convidar-me para passeio. A tarde vae fresca e amena. Estamos na primavera. A brisa atufa as nuvens, que são o gaze dos espiritos aereos. Os passarinhos enchem a solidão, com os seus quebros melodiosos. As folhas do arvoredado espargem-se, humidas ainda, aos ultimos raios do sol. E' a hora da melancolia.....

A. OSORIO DE VASCONCELLOS

(Continua)

LIÇÃO A UM LISONGEIRO

Um dia, nos Paizes-Baixos, achando-se o bravo coronel escossez Edmunds almoçando com muitos dos seus officiaes, um dos seus compatriotas entrou e dirigio-lhe estas palavras: «Mylord, vosso nobre pai e todos os cavalleiros e gentishomens seus filhos e primos, estão de perfeita saude.» O coronel sorriu-se e encolhendo os hombros disse:

«Senhores, não acrediteis uma palavra do que acabais de ouvir. Meu pai é um pobre padeiro de Edimburgo, cujo trabalho mal lhe dá para viver. Em toda a minha familia não se encontra um nobre. Este homem queria lisongear-me e fazer acreditar que eu nasci em algum castello. Enganou-se, meu camarada, nasci em uma loja, e não córo por isso.»

A ambição e a cobiça não attendem nem á justiça, nem á razão.

OS ESCRUPULOS

O grande moralista Jacques-Joseph Duguet, escreveu pelos annos de 1717 um tratado dos escrupulos. N'aquelle tempo, a palavra escrupulo não tinha o sentido que hoje se lhe dá. «O escrupulo, diz Duguet, é uma duvida em materia de moral, que não tem fundamento ou se o tem é mui leve, ainda que vá algumas vezes até á persuasão, e encha a consciencia de inquietação e perplexidades.»

Escrevendo o seu tratado, tem por fim levar ás almas timoratas «o socego e a paz esclarecendo-as, e de conservar á virtude o privilegio de tornar o homem feliz, o que só convém a ella, rasgando-lhe o véo lugubre com que o espirito das trevas procura cobril-a a miude. O nome de escrupuloso, acrescenta elle, tem o quer que seja de humilhahte na opinião do mundo; mas o mundo é injusto. Ha muita gente a quem melhor fôra soffrer d'essa doença que os faz sorrir, do que viver na falsa tranquillidade e perfeita confiança em si, que só veem da sua muita ignorancia e do que ha de mais denso e obtuso no sentido moral.

Nada mais perigoso do que o não guardar fidelidade para esse grito da consciencia, que é a regra pessoal de cada particular, e que dá a cada uma das suas accões a applicação das regras geraes da lei natural. Quando se procura abafar essa voz secreta, merece-se nada mais ouvir, e expõe-se a andar toda a vida nas trevas que se lhe hão preferido. O homem de bem, sabe isso, e é muito para lastimar quando a sua consciencia o adverte fôra de tempo, e que lhe faz, sobre accões desculpaveis, ou mesmo innocentes, reproches tão vivas, tão assustadoras como se essas accões fôram criminosas. Porque não se lhe pode dizer. «Não escuteis nunca a vossa consciencia.» Nem tão pouco: «Escutai-a sempre.»

O meio entre estas duas extremidades é difficil, e é preciso uma razão sã e esclarecida para conservar-se n'elle. Se se pende muito para o lado opposto ao que insinua a consciencia, cõe-se no risco de habituar-se a não ter bastante fé n'ella. Se se abandona ao escrupulo, é para temer que a causa não seja «uma fraqueza natural do espirito ao qual tudo faz impressão, que, como a cera, toma de todos os pensamentos uma especie de cunho, e que recebe de quasi todos os objectos um certo abalo que o inquieta. Esta disposição, quando é levada ao excesso, limita muito a liberdade e a razão, ou mesmo extingue-as completamente.»

Outra causa da fraqueza do espirito é a sua pouca extensão. Incapaz de comparar o que poderia esclarecer o escrupulo com o que o produz, o espirito não vê as causas senão por este unico lado, e é de ordinario o mais afflictivo. É uma fonte inesgotavel de falsos raciocinios, de falsos receios, de falsos preconceitos, o não considerar mais do que um ponto e n'elle fixar-se.

Se o espirito é confuso, se não distingue coisa alguma com precisão, se conserva no discurso a

desordem e o embaraço de pensamentos, sente-se uma grande dificuldade em socegar os escrúpulos. Não ha outro meio senão procurar-lhe distinguir claramente as diferentes partes do que concebe e confunde, e demonstrar-lhe quanto cada ponto separado comporta de exaggeração.

Muitas vezes sentimo-nos perturbados pela nossa imaginação, que nos apresenta visões assustadoras e que nos indignam. Mas nós devemos pensar que a nossa imaginação não é o *eu*: é a nosso respeito como um poder estranho; não somos obrigados a impular-nos os seus impetos, e não respondemos senão pelo nosso proprio coração. Quanto menos nos deixarmos atemorizar pela imaginação, menor será o seu imperio sobre nós: é o medo que se tem d'ella que rodoobra a violencia e a assiduidade, em quanto que o desprezo é o remedio.

Não deveríamos formar uma ideia muito alta da virtude: é preciso sómente que ella esteja em relação com as condições essenciaes do nosso estado n'esta vida. Por isto torna-se essencial uma união perfeita da delicadeza da consciencia e da rectidão do juizo. É necessario conciliar todos os seus deveres. Somos escrupulosos na má acceção da palavra se vemos que, para satisfazer a um só d'entre elles, se sacrificam os outros que tem os mesmos direitos e não importam menos á perfeita honestidade. Ha virtudes que se expõem a serem suspeitas e quasi odiosas, por esta preferencia que injustamente se lhes dá, e pelo pouco zelo que se mostra para o resto das leis moraes.

«Uma attenção mui grande a examinar-se e a observar todas as suas acções e todos os seus motivos degenera algumas vezes em incerteza. Quanto mais de perto e mais tempo se olham, menos se conhecem. É preciso um certo ponto de vista para discernir os objectos e quando estão muito proximos, tornam-se tão confusos ou mesmo tão invisiveis como se estivessem muito distantes. Não ha ainda mais do que o meio entre as duas extremidades, ou ver-se sempre, ou nunca ver-se, quem for esclarecido.

«É preciso tanta equidade para si como para os outros; ser humilde, mas recto e sincero; não cair na ingratidão para evitar o orgulho; e preferir uma quietação, que conduza á confiança, a um desassocego duvidoso que não faz mais do que conservar o receio e que leva ao desalento.»

Entre os remedios que Duguet aconselha para a emenda dos escrúpulos desarrezoados ou excessivos, o trabalho entra em primeira linha: recomenda estudos importantes, o exercicio da caridade fóra de casa, a conversação com pessoas de uma razão superior. Depois emprehende um exame das especies particulares de escrúpulos, e entra em uma ordem de reflexões que se referem especialmente á religião.

A *Verdade* se acolheu, á unha de cavallo, dos conselhos e tribunaes, temendo algum desacato, e deixou nas côrtes seu filho o *Odio*, a quem os grandes casaram com a *Privança*, primeiro logar n'ellas; de cujo ajuntamento nasceu o *Desengano*, o qual os cortezãos criaram com todo o aparato que se pode

imaginar: porém como chegou a uso da razão, e quiz exercitar o seu officio, determinaram acabal-o.

Elle que presentiu o pouco que parecia gentil-homem, perigrinou grande parte do mundo, até dar comsigo na Thebaida, onde vive apartado de toda a conservação. O santo Desengano, quantos naufragios tendes passado! M. AFFONSO DE MIRANDA
(*Tempo de agora*)

IMMENSIDADE

Ah! se a nossa vista fosse tal que podessemos descobrir, alli, onde apenas distinguimos pontos luminosos no fundo negro do céu, os sóes resplandecentes que gravitam na extensão e os mundos habitados que os seguem em seu curso; se nos fosse dado abraçar em um olhar geral essas myriadas de systemas solares; se, avançando nós com a velocidade da luz, atravessássemos durante seculos esse numero illimitado de sóes e de espheras, sem nunca achar termo a essa immensidade onde Deos fez germinar os mundos e os seres; voltando para traz os nossos olhos, mas não sabendo em que ponto do infinito pára esse grão de pó que se chama Terra, ficaríamos fascinados e confusos por um tal espectáculo e unindo a nossa voz ao concerto da natureza, diríamos do fundo da nossa alma: «Deos todo poderoso! quão insensatos eramos em julgar que nada havia além da terra, e que só a nossa pobre morada tinha o privilegio de fazer reflectir a tua grandeza e o teu poder!»

ILHAS DE GÉLO

Encontram-se ilhas de gélo fluctuantes de 3 a 8 kilometros de extensão e de 30 a 60 metros de altura. A parte coberta pelo mar deve ser (conforme as densidades relativas do gélo e da agua) seis ou oito vezes mais consideravel, que a parte visivel. A espessura total pode ser, de 500 a 600 metros.

L'AMOUR, C'EST LA VIE!

I

Um dia, vi-te só! estavas triste,
pendida a frente, e os olhos rasos de agua;
e, ao ver que te opprimia funda mágua,
perguntei-te porquê, mas não me ouviste.
Certo, o quadro da vida contemplavas,
e, saudosa do céu d'onde vieras,
em teu seio archangélico anhelavas
por deixar d'este mundo as primaveras.
Tinhas razão! E eu perguntei-te ainda
se na terra um incanto não achavas
que te levasse allivio ao coração.
Ergueste a fronte pallida, mas linda,
e respondeste — não!

II

Mais tarde... quando o amor, em doce calma,
em azas de ouro e neve te envolvia,
e na frente gentil te entretecia
a c'roa de rainha da minh'alma;
quando o amor, seus sorrisos entreabrindo,
veio fechar depois nossos abraços;
e, sobre a terra flores espargindo,
por flórea senda nos guiou os passos:
logrei um céu em cada teu sorriso,
li a ventura no teu rosto lindo,
vi-te ditosa, e perguntei-te enfim,
se este mundo não era um paraíso,
e respondeste — sim!

Vizeu 9 de maio, 1866.

CANDIDO FIGUEIREDO.